



**Instituto Superior de Educação e Ciências Sociais**

## **Curso Serviço Social**

**1º Ano – 2º Semestre**

### **Crenças Populares na Gravidez e no Parto**

**Docente:**

**Disciplina: Antropologia Social e Cultural**

**Maria de Lurdes dos Santos Pereira**

**2010/2011**



**Instituto Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria**

# **Curso Serviço Social**

**1º Ano – 2º Semestre**

## **Crenças Populares da Gravidez e do Parto**

**Disciplina: Antropologia Social e Cultural**

**Docente: José Maria Trindade**

**Discente: Maria de Lurdes dos Santos Pereira**

**2010/2011**

# Índice

## **Índice de Anexos**

Anexo I .....	18
---------------	----

## **Índice de Figuras**

Figura 1 .....	13
----------------	----

Figura 2 .....	15
----------------	----

<b>Introdução</b> .....	<b>2</b>
-------------------------	----------

<b>Capítulo I</b> .....	<b>3</b>
-------------------------	----------

## **Enquadramento teórico e metodológico**

Crenças e superstições .....	3
------------------------------	---

Magia .....	3
-------------	---

Os Ritos mágicos .....	4
------------------------	---

<b>Capítulo II</b> .....	<b>6</b>
--------------------------	----------

## **Crenças Populares sobre a Gravidez e o Parto em Portugal**

O maravilhoso imaginário colectivo .....	7
--	---

<b>Capítulo III</b> .....	<b>11</b>
---------------------------	-----------

## **Crenças populares em contexto urbano sobre a Gravidez e o parto**

Resultados .....	13
------------------	----

Considerações finais .....	16
----------------------------	----

## **Índice de Anexos**

### **Anexo I**

Questionário aos funcionários do turno B da empresa KeyPlastics, S.A. do sector automóvel sobre as crenças da gravidez

### **Índice de Figuras**

Figura 1 – Tabela representativa dos resultados acerca dos “desejos” estranhos e insólitos na gravidez

Figura 2 – Tabela representativa dos resultados das questões do questionário

## Introdução

O presente trabalho proveio de um estudo sobre as crenças populares portuguesas na gravidez e no parto e insere-se no âmbito da disciplina de Antropologia Social e Cultural.

A escolha do tema para este trabalho nasceu do interesse suscitado pela suspeição, de que nos tempos actuais já muito pouco se consideram as crenças populares na gravidez e no parto, que outrora tanto pautaram a conduta das populações. Tendo em conta a avassaladora evolução na medicina, que permitiu reduzir drasticamente os riscos inerentes à gravidez e ao parto, torna-se pertinente conjecturar sobre as probabilidades de sobrevivência das crenças populares na gravidez e no parto, na medida em que estas se apresentam mais do que nunca descontextualizadas, porque hoje já se vive outro tempo.

O princípio que norteou a definição das linhas orientadoras deste trabalho foi uma espécie de ordem cronológica, na medida em que o primeiro capítulo, que constitui o enquadramento teórico e metodológico, faz a abordagem às crenças supersticiosas e às crenças na magia e seus ritos ao mesmo tempo que explica as razões de sua existência. No segundo capítulo procedeu-se à explanação de algumas curiosas crenças populares e seus contextos. No terceiro e último capítulo procedeu-se à exposição dos resultados de um questionário, através do qual se pretendeu saber, se as crenças sobre a gravidez e o parto permanecem vivas na memória colectiva, ou, se pelo contrário, se foram perdendo na bruma do tempo.

# Capítulo I

## Enquadramento teórico e metodológico

### **Crenças e superstições**

De acordo com Mauss (nd) a crença consiste na adesão do Homem a uma ideia, um estado de sentimento e acto de vontade. Este trabalho incidiu sobre as crenças populares portuguesas com raízes na superstição que ainda hoje assoma aos espíritos das pessoas por altura da gravidez e do parto. As superstições são o fenómeno primário da sobrevivência dos costumes. Apesar de toda a transformação sofrida pelas sociedades, impelidas pela força evolutiva, permanece um instinto vago de conservação, que as leva a respeitar o passado (Braga, T., 1994).

Segundo Laurioz, (1999) a superstição não pode ser reduzida a um amontoado de coisas sem significado só porque certas crenças evocam o medo ou a ignorância. A superstição usa de códigos, forma um sistema e remete para a uma forma de pensamento original, obedecendo a um plano de correspondências. É comum pensar-se que a superstição é própria dos primitivos, contudo, o Renascimento, uma fase tão associada ao progresso e desenvolvimento foi também um período em que muito se acreditou até nas coisas mais inverosímeis, o fenómeno da Inquisição e muitos dos acontecimentos a ela inerentes constituem alguns dos exemplos.

### **A magia**

De acordo com Malinowski (1984) a magia faz parte das crenças de todos os povos, mesmo os mais primitivos. A crença na magia constitui a afirmação do poder do homem para fazer acontecer factos, ou para obter certos efeitos, através de um feitiço ou rito específico. Por outras palavras, o homem primitivo procurava essencialmente controlar o curso da Natureza no intuito de alcançar determinados objectivos, para tal socorria-se do rito e da fórmula mágica, pretendendo desta forma influenciar as condições atmosféricas, os animais e as colheitas em seu benefício, na medida em que os instintos, as emoções e as actividades práticas o colocavam perante dificuldades diversas contra as quais se sentia limitado. Nestas circunstâncias, o homem reagia apoiando-se nas suas crenças nas quais se instalava a magia e os ritos

rudimentares, que se foram tornando uma prática constante incorporando uma tradição.

Segundo Mauss, (nd) a magia tem como objectivo primordial produzir efeitos, nesse sentido, é possível descortinar três leis dominantes, as leis de contiguidade, as leis da similaridade e as leis do contraste. Em magia a essência de uma coisa permanece em todas as suas partes tanto quanto no seu todo. No que diz respeito às pessoas, os dentes, a saliva, o suor, as unhas e o cabelo, representam integralmente a pessoa, daí que se possa actuar sobre ela a partir destes elementos, ou seja, a separação não interrompe a contiguidade. As qualidades, as doenças, a vida e toda a espécie de influxos são consideradas como transmissíveis. Numa cerimónia mágica há um sentimento que domina, que empresta sentido e tom, assim sendo é este sentimento que dirige e comanda todas as associações de ideias, processo que por sua vez explica como funciona a lei da contiguidades nos ritos mágicos. A lei da similaridade observa-se quando o igual evoca o igual (*similia similibus evocantur*) e quando o igual actua sobre o igual e especialmente cura o igual (*similia similibus curantur*). Na primeira lei uma simples figura, que está fora de qualquer forma de contacto directo, funciona como integralmente representativa, pois a semelhança é absolutamente convencional, ou seja, a imagem e o seu objecto, ou o que ela pretende representar, só têm em comum a convenção que os associa. A imagem apenas tem a função de tornar presente ou acessível a pessoa. Assim sendo, a noção de imagem alarga-se à noção de símbolo. Dos objectos escolhidos como símbolos retém-se um traço, como por exemplo, a frescura, o peso, ou outras características, deste modo limitam-se as associações, pois nem todas as qualidades do símbolo são transmitidas ao simbolizado. A segunda lei da similaridade diz respeito ao sentido da acção, que é indicado pelo rito, dando a ideia de que uma determinada magia pode ter mais que um sentido e que por isso poderá resultar de formas diferentes, sendo preciso que o rito determine por qual delas deve vingar. E assim se chega à lei da contrariedade, porque se pela lei da similaridade o igual cura o igual, então é porque produz um contrário e este actua sobre o seu contrário que ao repelindo-se entre si suscitam o seu igual.

### **Os ritos mágicos**

O rito mágico é todo aquele rito que produz efeitos sobre si próprio, forçando ou as coisas ou as divindades, diferindo do rito religioso que age através de uma divindade (Santo, Moisés E., 1990). Para Mauss, (nd) um rito mágico é qualquer rito que não faz parte de um culto organizado, é privado, secreto, misterioso e tende para o proibido. O

rito mágico é realizado por um especialista a quem vulgarmente chamamos de feiticeiro, contudo, existem ritos mágicos que podem ser realizados por qualquer pessoa, como por exemplo, as mezinhas caseiras na medicina mágica, ritos por altura da caça, ou ritos agrícolas, entre outros. O facto de haver ritos mágicos cuja prática está ao alcance de toda a gente por não exigirem capacidades especiais é devido à sua vulgarização, de tantas vezes terem sido repetidos foram sendo adulterados e simplificados tornando-se banais, restando deles apenas a tradição. Por conseguinte, os ritos mágicos estão reservados ao feiticeiro, na medida em que não é feiticeiro quem quer mas apenas aquele que detém qualidades específicas, sendo umas adquiridas e outras necessariamente congénitas. Um rito mágico inclui preceitos tais como a escolha da hora em que deve de ser realizado, os dias da semana, o dia do mês, embora as fases da Lua sejam mais importantes. O curso dos astros, as conjunções e oposições da Lua, do Sol, dos planetas e das estrelas também são tidos em consideração, de tal modo que a astrologia surge associada à magia. O rito mágico não é realizado em qualquer lugar, pois tem os seus próprios “santuários”, como por exemplo os cemitérios, as encruzilhadas, os bosques e os pântanos, onde habitam almas do outro mundo e demónios.

Dentro de um mesmo povo, por muito que detenha um elevado grau de civilização é possível descer até à consciência primitiva, recompor as concepções das sociedades rudimentares diante da natureza e dos factos do espírito. As superstições são um documento psicológico, pois nas suas raízes e analogias de povo a povo está a história do estado social sobre o qual se desenvolveram as civilizações progressivas (Teófilo Braga, 1994)

## Capítulo II

### Crenças Populares sobre a Gravidez e o parto em Portugal

Hoje, como sempre, e um pouco por todo o lado, nas aldeias ou nas cidades, continuam-se a praticar os ritos mais ancestrais. As crenças da religião popular sempre foram reconhecidamente confundidas com os dogmas da igreja católica, nomeadamente no culto dos santos e de Maria, pelo que abundam por esses montes e vales, as capelas em honra quer de santos, quer em honra de Nossa Senhora cada uma encerrando em si uma história mirabolante. A intensidade da crença na Nossa Senhora pode ser grandemente aferida, quanto mais não seja, não só pelo facto de tomar grande parte dos nomes femininos, como pelo facto de que cada povoação reclama a sua, razões que fazem supor que a religião popular tem a sua sustentação, sobretudo, na imagem da mãe. Alguns daqueles que se consideram letrados, costumam fazer gala em troçar das crenças tradicionais populares usando do argumento de que estas reflectem a ignorância de quem acredita nelas, contudo, e contrariamente ao que se possa pensar, a religião popular, não é exclusiva de uma classe social associada à pobreza, quer cultural, quer económica. Está sim, ligada a um tipo de cultura que vai sendo transmitida ao longo dos tempos, através de relações de vizinhança ou muito simplesmente transportada pela memória colectiva, (Santo, 1990).

De acordo com Vasconcelos (1984) as superstições, as orações e os ensalmos são uma parte das tradições, que se por um lado parecem carecer de importância, por outro lado, elas manifestam como o povo encara a mãe Natureza e como vive na sociedade, porque só é possível conhecer um país depois de interrogar o povo. As tradições populares também permitem interrogar o passado, visto que através delas nos é possível revisitá-lo, não obstante todos os processos de mudança que foram sofrendo ao longo da passagem dos séculos. Segundo Araújo (1997) as vivências culturais presentes no nascimento até à morte, seja na forma diferente de encarar a relação homem e entidade mítica superior, seja na forma como reagimos perante as contingências da vida, encontram-se em todas as épocas, em todas as sociedades e sob as mais diversas configurações.

No seio das camadas populares, a religião cristã, a magia e a feitiçaria usam dos mesmos símbolos, por isso tanto se estabelecem relações de reverência com o Diabo

como com Deus, Santo (1990). A carga supersticiosa patente em determinado rito ou crença pode muito bem ser mensurada tendo em conta a forma com que é aceite ou tolerada pela comunidade, já que esta tende a condenar o exagero das práticas e a evocação de forças que considera ilícitas, nomeadamente quando constituem uma tentativa de obter proveitos em benefício próprio, muitas vezes em prejuízo de outras pessoas (Araújo1997).

### **O maravilhoso imaginário colectivo**

Por todo o lado damos conta da presença de cruces estrategicamente colocadas nas pontes, nas capelas, etc. A função das cruces que se encontram nas pontes, que são meios de ligação à povoação ou aos lugares é a de impedir a entrada do Diabo, que assim se refugia por debaixo do arco da ponte. Por conseguinte, o Diabo é visto como algo de maléfico que urge afugentar, contudo, é a este mesmo tenebroso Diabo, que a grávida que já tenha dado à luz um nado-morto recorre, porque se acredita que a água que corre “ao meio, por debaixo do arco” garante o nascimento. Depois da meia-noite, a futura mãe é banhada com esta água pela primeira pessoa que se acercar do lugar. Esta crença reconhecida no Minho e na Galiza, apresenta um aspecto bastante curioso, na medida em que se opõe aos desígnios de Deus, já que propõe ao Diabo “*que salve a criança que Deus poderia impedir de nascer*” (Santo, 1990: 29).

Igualmente no Minho e segundo Vasconcelos (1984) a mulher que estiver grávida e for à meia-noite para a ponte, qualquer pessoa que por ali passe não pode furtar-se de ser padrinho ou madrinha da futura criança, este procedimento promete um futuro feliz para a criança e também para a sua mãe. Em Arcozelo a mulher grávida não deve cheirar flores, porque a criança nascerá com elas no corpo. A mulher grávida também não deve trazer chaves, nem nada com feitios, para a criança não nascer com sinais. Observe-se com que pé a mulher grávida desce o primeiro degrau de uma escada e ficaremos a saber o sexo da criança: Se a grávida avançar com o pé direito nasce um rapaz, se for com o pé esquerdo nasce uma rapariga. Um parto pode ser apressado se a grávida beber misturado com vinho um fio de retrós vermelho cortado com uma tesoura em pedaços de pequeníssimas dimensões. Ao entrar-se na casa de uma mulher parida deve dizer-se: “Benza-te Deus”.

De acordo com Araújo (1997) apesar de actualmente se desconhecerem as origens de certas crenças, a verdade é que elas vão resistindo ao tempo, sendo que ainda se praticam um pouco pelo espírito da sua presumível utilidade prática, como quando se

diz “se não fizer bem, mal também não faz” ou “pelo sim, pelo não, é melhor fazer”, atitude que não deixa de indiciar, se vistas bem as coisas, que em certa medida permanece o receio de que se não forem cumpridos os ritos a criança e a grávida possam ser afectados. Consequentemente, nas regiões entre o Douro e Minho a crença proíbe que a mulher grávida esteja presente nos velórios e nas missas rezadas por alma de um falecido. Crê-se que o espírito do morto possa tomar posse da criança ainda no ventre. Esta crença não deixa de ser pertinente, na medida em que poupa a grávida de comoções fortes, inerentes a uma situação de morte, e que poderiam afectar a gestação. No Baixo Alentejo, se a grávida costuma tratar de altares nas igrejas, o melhor que tem a fazer é dar essa tarefa a outrem, se quiser cumprir a tradição. A grávida deve assistir à missa dominical, se dita na povoação, mas não é obrigada a receber os sacramentos, a menos que o sacerdote o aconselhe. A grávida deve rezar com frequência, três, cinco, sete vezes ao dia, principalmente nos primeiros e últimos três meses de gestação, por se considerarem perigosos.

A Nossa Senhora é frequentemente evocada quer durante a gravidez quer durante o parto, na medida em que personifica a verdadeira e autêntica Mãe. Por conseguinte, apela-se às graças da Senhora dos Partos, da Senhora das Dores e da Senhora da Ajuda, (Vasconcelos, 1984). As “devoções” ou rezas a Nossa Senhora são por isso muito importantes no período da gravidez e devem de ser pronunciadas em número de três para se obter auxílio no momento do parto e para que a criança nasça “mansa”. Em algumas regiões nortenhas como Valpaços, Bragança Penafiel, Cinfães e Bemposta invoca-se a Senhora do Bom Parto para que ajude a criança a “passar a porta”. Em quase tudo o que é povoação, por essas muitas igrejas e capelas, a Nossa Senhora é venerada como advogada das parturientes (Araújo, 1997).

Em Cinfães e arredores, a grávida não deve coser a roupa que veste, porque se o fizer pode “ficar cozida” e por isso não conseguir dar à luz. Em Póvoa de Lanhoso, se a grávida tocar o sino, não deve ter a criança sem que o marido vá ferrar os dentes no badalo do dito sino. Mais a sul, em Lisboa, Palmela e Messejana, as grávidas trazem oculto nos vestidos ou na bainha das saias as “palavras da Senhora”, além de diversas medalhas e “orações” de protecção, e por norma em número ímpar. Actualmente esta crença ainda é praticada principalmente no acto de transportar as medalhas, que costumam ser oferecidas pelas mulheres mais idosas da família, e que são presas por um alfinete-de-ama no interior do fato, em conjunto com o “sino saimão”, a figa e o cornicho (Araújo, 1997).

Muitas das crenças sobre a gravidez e o parto devem a sua resistência ao tempo devido à existência de condições para a sua praticabilidade. Há aproximadamente duas décadas, no norte do país, era frequente e bastante normal as grávidas terem os filhos solitariamente, muitas vezes perdidas nos montes, para onde se tinham deslocado propositadamente para parir, ou nas leiras das famílias, para onde tinham ido trabalhar. Quando regressavam à povoação carregavam felizes e orgulhosas o filho num dos braços, enquanto o outro segurava um molho de couves, quando não, carregavam um molho de lenha à cabeça. Perante um cenário destes, torna-se compreensível a razão de existirem determinadas crenças. Havia que se ter fé, fosse no que fosse, mas sobretudo acreditar que se podia “manobrar”o rumo dos acontecimentos, através da evocação das entidades superiores, não fosse alguma coisa tender para correr mal. Quando a grávida sentia as dores pegava nos “avios” e dirigia-se para a serra. Os “avios” eram constituídos por alguns amuletos de origem vegetal, tidos como eficazes para afastar invejas e as bruxas, pelos panos, uma peça de roupa pertencente ao pai da criança e uma pagela de Nossa Senhora. Se porventura, a grávida não tivesse tido oportunidade para preparar semelhantes protecções, dava por si desamparada num momento tão propício a perigos. Num caso destes mais não lhe restava que “apegar-se” com fervor a Maria rogando-lhe por misericórdia. Em algumas regiões, como por exemplo, Soalhães, Canaveses, Fornos, Tuias e Paredes, quando o parto era feito em casa e ameaçava correr mal, cabia ao pai da criança ir tocar o sino determinado número de vezes. Quem ouvisse as badaladas, especialmente se fosse do sexo feminino, rezava um padre-nosso e uma ave-maria à Senhora das Dores, do Bom Parto ou da Consolação na intenção de que a parturiente fosse aliviada. Em outros lugares, para que o momento fosse breve, a mulher envolvia-se nas calças do marido ou colocava na cabeça o seu chapéu. Perante o sofrimento da parturiente, o marido tinha alguns meios através dos quais poderia contribuir para apressar o nascimento e aliviar o sofrimento da mãe. Os mais vulgares relacionavam-se com as telhas do telhado. Se houvesse indícios de que o parto se iria arrastar, cabia ao futuro pai deslocar-se à igreja e virar três telhas do telhado desta, mas se a distância até à igreja fosse consideravelmente longa, bastava virar três telhas do telhado da própria casa, pois o efeito seria o mesmo. No caso de não resultar à primeira, deveria repetir-se o ritual, três, cinco ou sete vezes, se mesmo assim não surtisse efeito, pelo menos serviria para entreter o nervoso pai. Para facilitar um parto, cujas dificuldades se acreditava serem fruto de feitiçaria dirigida à grávida através dos seus fatos, cortavam-se os pontos de uma saia ou de uma blusa da própria simulando deste modo o desfazer do feitiço. Um pouco por todo o país, havia a tradição de dirigir orações aos santos, para buscar protecção tanto para a mãe como

para o nascituro. Uma das mais conhecidas era a “oração de S. José”, por ter sido por ele rezada por ocasião do parto da Virgem Maria. No intervalo que mediava entre uma dor e a seguinte, a parturiente repetia as palavras as vezes que fossem precisas Araújo (1997).

O fardo da superstição pesava mais sobre a grávida, na medida em que se sentia a principal responsável por tudo o que acontecesse à sua criança. Assim sendo, a futura mãe era persuadida pelo receio a respeitar um elevado número de crenças tradicionais. No Alentejo, a grávida não come peixe “raimoso” (sem escamas), nem fruta verde, nomeadamente marmelos e romãs, para a criança não nascer defeituosa. Também não acaricia animais com pelos para que o seu filho não venha a ter uma sina triste onde reina a má sorte, que se presume lançada por uma bruxa.

Segundo Braga, T. (1994) deve-se dar à grávida caldo de perdigoto, pouco antes dos nove meses, para não ter retortas. Se não se dá à grávida algo que ela deseje, a criança nasce com a boca torta. A grávida deve observar o cuidado de não trazer nada junto ao seio, caso contrário o filho pode nascer malhado. Quando um parto está a ser difícil deita-se a rosa de Jericó num copo de água. Conforme for abrindo facilitará o parto. Logo após o nascimento da criança deve-se atirar um punhado de sal para o telhado para as bruxas ficarem a apanhá-lo. Se a mulher grávida quer ter uma criança linda deve encobrir a sua gravidez. Todo aquele que negar seja o que for a uma mulher grávida, arrisca-se a ganhar um terçol. Para facilitar a saída das secundinas põe-se um chapéu velho à parturiente, só depois se deve dizer à mãe qual é o sexo do filho. Se a mãe souber o sexo do filho antes da saída das secundinas, este trabalho será dificultado.

## Capítulo III

### **Crenças populares em contexto urbano sobre e a gravidez e o parto**

No prosseguimento deste trabalho considerou-se de todo o interesse realizar um trabalho de campo, no sentido de proceder à recolha de dados que permitissem formular uma opinião sobre se as crenças supersticiosas durante a gravidez e o parto ainda fazem parte da vivência das pessoas. A população sobre a qual incidiu o trabalho de campo foi o turno B, que laborava no horário das 21.00 horas às 05.00 horas, constituído por 45 de operadores fabris, na empresa industrial vocacionada para o ramo automóvel denominada KeyPlastics, S.A. Foi definida uma amostra constituída por 20 elementos com idades compreendidas entre os 19 e os 62 anos, que preencheram um questionário composto por três partes. Na primeira parte pretendia-se saber a idade, o sexo, as habilitações literárias e as funções desempenhadas na empresa, de forma a permitir estabelecer algumas correlações pertinentes. Na segunda parte sugeriram-se algumas ideias relacionadas com as crenças supersticiosas na gravidez com o intuito de inspirar os questionados e levá-los a revelar o que conheciam sobre os factos referidos. As questões apresentadas foram as seguintes:

- 1 - Alimentos que não se deviam comer e especifique o porquê, se possível:
- 2 - Lugares que não se deviam frequentar e especifique o porquê, se possível:
- 3 - Palavras que não se deviam pronunciar e especifique o porquê, se possível:
- 4 - O que não se devia vestir ou usar junto ao corpo, especifique o porquê se possível:
- 5 - Coisas em que não se deviam tocar, especifique o porquê se possível:

Ao ser pedido para fosse especificado se possível, o motivo pelo qual não se devia comer ou fazer algo pretendia-se aprofundar as razões que levam as pessoas a cumprirem determinadas crenças, porque são elas que verdadeiramente revelam os medos e os receios e que a todos são comuns.

Na terceira parte constava a afirmação: “ (...) *as crianças nascem com a boca aberta, como marca de um desejo não saciado ou com a boca torta*” (Braga, T., II:101)<sup>1</sup> citado por Joaquim (1983) por intermédio da qual se pretendia recolher testemunhos que possibilitassem elucidar se hoje, tal como num ontem já longínquo, os desejos da grávida ainda apelam para o insólito, como o texto de Morato (1664) tão bem expõe:

*“ Hé mui ordinário nas mulheres, depois de pejadas appetecer coisas, que antes de pejadas não comião, nem lhe vinhão ao pensamento, para as haver de comer; como he barro, terra, gesso, cal, sal, carvoens, cinza, lama, legumes crus, & outras variedades de cousas(...)”* (Roma, Morato., 1664:306).

---

<sup>1</sup> Braga, T. (1885). O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições. v.2. Ferreira. Lisboa.

## Resultados:

Figura 1 – Tabela representativa dos resultados à pergunta sobre se tinham conhecimentos de “desejos” fora do comum nas grávidas

<b>“Desejos” característicos da gravidez</b>	
<b>“Saborear a espuma obtida do sabão azul”</b>	<b>1</b>
<b>“Doces como o salame e as tartes de morango</b>	<b>1</b>
<b>“Desejo de laranjas fora da época”</b>	<b>1</b>
<b>“Frutos verdes”</b>	<b>3</b>
<b>“Beber petróleo”</b>	<b>2</b>
<b>“Comer terra”</b>	<b>1</b>
<b>“Comer carvão”</b>	<b>1</b>
<b>“Comer pickles à vontade”</b>	<b>1</b>
<b>“Comer pó de tijolo”</b>	<b>1</b>
<b>“Areia da praia”</b>	<b>1</b>
<b>“Comer bifanas às três da madrugada”</b>	<b>1</b>
<b>“Rissóis de peixe”</b>	<b>1</b>
<b>“Comer um mini-milk às cinco da madrugada”</b>	<b>1</b>
<b>“Comer quilos de arroz cru”</b>	<b>1</b>
<b>“Comer cal”</b>	<b>1</b>
<b>Resposta inconclusiva</b>	<b>2</b>
<b>Não responderam</b>	<b>3</b>

Nesta tabela verificamos que o desejo da parte da grávida de comer fruta verde aparenta ser algo de comum na gravidez, já que pelo menos três pessoas o referiram, no entanto, convém ter presente, que nem todas as pessoas responderam com conhecimento de causa, mas sim por terem ouvido dizer a alguém. Neste questionário houve duas respostas inconclusivas que se presume ser devido ao facto de não terem percebido o que se pretendia, pois responderam reiterando a afirmação que servia de mote para a resposta e que constava do questionário. Três pessoas não responderam por desconhecerem qualquer “desejo” de uma grávida digno de referência, já que era isso mesmo que se pedia.

Na figura 2 consta a tabela de resultados da série de cinco questões expostas na segunda parte do questionário. Verifica-se que as pessoas já têm dificuldade em evocar a memória das crenças tradicionais da gravidez, pois responderam ao questionário de uma forma que revela conhecimento e a observância não de práticas tradicionais mas antes pelos cuidados e recomendações da medicina, assim como pelos hábitos saudáveis, principalmente no que respeita à alimentação e ao ambiente. Foram nove os inquiridos que indicaram o marisco como um alimento que se deve

evitar na gravidez, contudo, a ideia que está por detrás desta atitude não é de forma alguma assente na superstição de que o bebé nasça defeituoso, mas sim por ser do domínio geral que este alimento é de difícil conservação, por isso muito susceptível de causar problemas graves de saúde tanto para a grávida como para o bebé. Outra situação análoga resultou da pergunta de quais os lugares onde a grávida não devia ir, apenas três pessoas refiram o cemitério, que é um lugar de dor e sofrimento, e por isso susceptível de causar emoções à grávida. Mais uma vez sobressaiu a educação para a saúde que já vai ganhando bom terreno junto das pessoas, visto que as atenções recaíram, sobretudo, na necessidade de evitar lugares poluídos pelo tabaco, como sejam as discotecas, bares ou outros recintos fechados onde é permitido fumar, foram dez as pessoas que responderam a esta questão com o mesmo espírito. Porém, a crença popular ainda não morreu, pois a questão dos objectos de metal usados pela grávida poderem causar manchas ou sinais no filho foi referida algumas vezes, demonstrando que a crença persiste. Quanto aos animais presume-se que o receio da sua proximidade a uma grávida se deva a cuidados com a transmissão de doenças. Não se verificaram discrepâncias tendo em conta as idades, já que era de esperar que os inquiridos mais velhos tivessem um conhecimento razoável das tradições, no entanto, essa premissa não se verificou. As habilitações literárias dos inquiridos não tiveram influência digna de nota na forma como foram respondidas as questões.

Figura 2 – Resultados do questionário sobre a série de cinco questões acima descritas

<b>Alimentos que não se deviam comer</b>	<b>Lugares que não se deviam frequentar</b>	<b>Palavras que não se deviam pronunciar</b>	<b>O que não se devia vestir ou usar junto ao corpo</b>	<b>Coisas em que não se deviam tocar</b>
<b>Enlatados e engarrafados (devido aos corantes e emulsionantes)</b>	1 Centros comerciais (devido à afluência de muitas pessoas)	1 Palavrões feios (porque o bebé já ouve)	3 Objectos de metal, para não aparecerem marcas nas crianças	6 Drogas, medicamentos, produtos tóxicos ou radioactivos
<b>Marisco (devido às alergias)</b>	9 Cemitérios	3 As palavras: odeio-te e mato-te	1 Calças de ganga muito apertadas	2 Cartas de Tarot ou outras
<b>Queijo fresco (devido à brucelose)</b>	4 Discotecas e bares ou ambientes fechados por causa do fumo	1 Falar em 0 bruxedo porque pode atrair mau-olhado	1 Cintos para não andar apertada ou fivelas que marcam	3 Animais mortos (pisar ou encostar marca o bebé)
<b>Morangos (alergias)</b>	1 Hospital (devido aos vírus)	1 Treçolho (para não o transmitir à grávida)	1 Roupas justas (porque se nota muito e faz mal)	6 Moedas e folhas (devido às marcas)
<b>Queijo de cabra e camarão (perigosos, se não forem frescos)</b>	1 Locais com poluição sonora e ambiental	2 Todas as palavras que podem provocar ansiedade na grávida	1 Pôr coisas dentro dos bolsos	2 Cães e gatos com pêlo ou outros animais (devido às doenças)
<b>Citrinos (causa azia e o bebé nasce com muito cabelo)</b>	2 Montanha russa (pode provocar o parto)	1 Palavras que viessem do além	1 Sintéticos (devido às alergias)	1 Levantar pesos
<b>Molhos picantes (não são saudáveis)</b>	1		O telemóvel (devido às radiações)	1 Carnes frescas (para o bebé não ficar com manchas)
<b>Tudo o que tem demasiada gordura</b>	1		Colares (para o bebé não nascer com o cordão umbilical enrolado ao pescoço)	1
<b>Tomate ou fígado (para o bebé não ficar com manchas vermelhas)</b>	1			

## **Considerações finais**

No final deste trabalho convém tecer algumas considerações pertinentes em relação a alguns dos resultados do questionário, que de certa forma vieram revelar que as crenças populares sobre a gravidez estão a perder-se, provavelmente devido à circunstância de actualmente as mulheres grávidas terem os seus filhos nos hospitais, rodeadas por mil cuidados e sob vigilância da ciência da medicina que tem conhecido uma evolução gigantesca. Por conseguinte, parece já não haver cabimento para seguir os preceitos ancestrais, seria como caminhar para trás, entretanto outras crenças mais apropriadas aos tempos actuais se afirmarão.

Na tabela da figura 1 constam alguns exemplos de substâncias que, a crer nos testemunhos, já fizeram parte do “cardápio” de desejos de algumas grávidas, que, aliás, são referidas no excerto da autoria de Roma Mourato. O petróleo e a cal são alguns dos exemplos. O cuidado com a alimentação, assim como todo o manancial de informação que uma grávida dos tempos actuais detém, torna absolutamente incompatível com os tempos actuais a crença de que se a mãe não tiver satisfeito um desejo o filho nasce-lhe com a boca aberta ou torta. O mesmo já não acontece com outras crenças, que ainda são tidas em consideração, tal como fez Teresa Joaquim, citado por C.N., (1991) que procedeu a um levantamento sobre crenças e superstições na gravidez, parto e pós parto, em Portugal, a partir da recolha de textos na Biblioteca Nacional, e que teve como resultado o livro “Dar à Luz” editado pela D. Quixote. Numa entrevista que deu à Revista Pais confessou, que quando começou a investigação, também ela estava grávida, e que em dada altura, influenciada pela crença que postula que se a mãe usar colares o bebé nasce com o cordão umbilical enrolado ao pescoço, decidiu, num gesto mais ou menos inconsciente, retirar um colar que usava.

## Bibliografia

- Araújo, Benedita. (1997). *Superstições Populares Portuguesas*. Edições Colibri. Lisboa.
- C.N. (1991). Práticas e Crenças. *Revista Pais*. Nº 12. p.18-19
- Joaquim, Teresa. (1983). *Dar à Luz – Ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*. Publicações D. Quixote. Lisboa.
- Laurioz, Hubert. (1999). *Dicionário de Superstições*. Temas e Debates – Actividades Editoriais. Lisboa.
- Malinowski, Bronislaw. (1984). *Magia, Ciência e Religião*. Edições 70. Lisboa.
- Mauss, Marcel. (nd). *Esboço de uma teoria geral da Magia*. Edições 70. Lisboa
- Santo. M. Espírito. (1990). *A religião popular portuguesa*. 2ª Edição. Assírio & Alvim. Lisboa.
- Vasconcelos, J.Leite. (1984). *Tradições Populares de Portugal*. 2ª Edição. Temas Portugueses. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

# **Anexo**

## **Questionário**

## As crenças tradicionais na gravidez e no parto

Questionário elaborado no âmbito da disciplina de antropologia

Idade

Sexo

- Feminino  
 Masculino

Habilitações Literárias

- Até ao 5º Ano  
 Secundário  
 Licenciatura

Profissão

**Tendo em conta os exemplos seguintes, diga quais as crenças que conhece:**

Alimentos que não se deviam comer e especifique o porquê, se possível:

Lugares que não se deviam frequentar e especifique o porquê, se possível:

Palavras que não se deviam pronunciar e especifique o porquê, se possível:

O que não se devia vestir ou usar junto ao corpo, especifique o porquê se possível:

---

---

Coisas em que não se deviam tocar, especifique o porquê se possível:

---

---

**"(...) as crianças nascem com a boca aberta, como marca de um desejo não saciado ou com a boca torta (Braga, T., 1885. II:101).**

Refira qual "o desejo" mais estranho de que teve conhecimento.

---